

Orquidário

The cover of the magazine 'Orquidário' features a dark green background. In the upper half, there are two orchids with yellowish-green petals and dark brown or black stripes. In the lower half, there is a cluster of orchids with light pink petals and small dark spots, and bright magenta centers.

Volume 11, nº 3
julho a setembro de 1997

OrquidaRIO, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

Diretoria - Biênio 1997/98:

Presidente: Carlos A.A. de Gouveia.

Vice-Presidente: Paulo Dámaso Peres.

Diretor da Área Técnica: Raul Sudré Filho.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Carlos Ivan da Silva Siqueira.

Diretor da Área Administrativo Financeira: José Lousada.

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Antônio Clarindo Rodrigues. Biblioteca: Maria Stella N. Borges.

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani. Eventos: Flávio Alvim Leite. Relações Comunitárias:

Marta Guglielmi. Sócios: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto. Tesouraria e Finanças: Rudolf

Zimmermann. Patrimônio: Evandro Silva.

Secretária da Diretoria: Nilce CARLOS.

Presidentes Anteriores:

1. Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2. Alvaro Pessôa, 1987/1990.

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

4. Hans O. J. Frank, 1994/1996.

Conselho Deliberativo, 1997/98:

Presidente:

Membros: Alvaro Pessôa, Hans O. J. Frank, Hans Kunning, João Paulo de Souza Fontes e Raimundo A. E. Mesquita.

Revista Orquidário. Comissão Editorial:

Alvaro Pessôa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita.

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, tamanho A-4, ou em disquete de computador, com uma cópia impressa, gravados num dos seguintes processadores de texto: Page Maker 6.0, Word 6.0 e outros compatíveis com Windows, mediante consulta ao Editor.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que o tenha solicitado e remetido os selos para a postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o Editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista o poder de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título Orquidário é de propriedade de OrquidaRIO e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, desenho ou fotografia, publicados sem indicação de reserva de direito autoral (c) podem ser reproduzidos, para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, Rua Visconde de Inhaúma 134/427, 20091-000, Rio de Janeiro, RJ. Tel. (021) 233-2314.

PREÇOS/RATES				PREÇOS DE PUBLICIDADE	
	1 ano	2 anos	3 anos	3a. Capa	R\$150
Filiação e Contribuição anual	R\$40	R\$78	R\$110	Página inteira	R\$100
Overseas Subscription Rates	US\$40	US\$78	US\$110	Meia Página	R\$60
Via aérea +R\$12/ano - By Air Mail add US\$12 per year				1/4 de página	R\$40

Orquidário

Revista trimestral publicada pela OrquidaRIO

Volume 11, nº 3, julho a setembro de 1997.

ISSN 0103-6750

Índice

Textos

Página

Sérgio Barani revela. Por R. Mesquita	66
Flavio Cardim. Por Delfina de Araújo	72
<i>Plectrophora schmidtii</i> . Por Rudolf Jenny & Franco Pupulin	77
Visitando Ivana Zubic. Por Maria da Penha Fagnani	84

Seções

Perguntas e Respostas	76 e 87
Sementeira dos Sócios	88

Neste Número

Ao longo do tempo Orquidário tem falado muito de orquídeas, mas tem falado pouco sobre aqueles que tomaram como tarefa, de vida ou de lazer, o aperfeiçoamento, a produção ou o cultivo dessas preciosidades da natureza. Quando decidimos adotar tal projeto editorial, não imaginávamos que, já na primeira abordagem, contaríamos com tanto material, três textos dentro da pauta escolhida! Assim, estaremos tratando, neste número, de um cultivador paulista, Sérgio Barani, de um fluminense, Flávio Cardim, e de uma croata-carioca, Ivana Zubic.

Créditos das Ilustrações

Capa, Sérgio de Araújo, 4ª Capa, Álvaro Pessoa; páginas 66, 68 e 69, Sérgio Barani; 67, Carlos Ivan da Silva Siqueira; 72 a 75, Delfina de Araújo; 78, Franco Pupulin; 83, Rudolf Jenny; 84 a 86, Maria da Penha Fagnani.

As Capas

A capa deste número, destaca, em magnífica composição de Sérgio de Araújo, duas grandes (grandes no duplo sentido que essa palavra encerra, de importância e de tamanho) espécies latinoamericanas: *Cattleya amethystoglossa* e *Oncidium hastilabium*. Por que? Porque florescem neste período. Isto é o que faremos sempre que possível, adornar as Capas com plantas importantes do período coberto pela revista. A última Capa reproduz detalhe de uma magnífica florada de uma só planta de *Cattleya loddigesii*, Alba, cultivada por Álvaro Pessoa. *C. loddigesii* é uma das mais importantes espécies deste período e tem longa contribuição à horticultura mundial.

Sérgio Barani revela...

Raimundo Mesquita ()*



Foto e cultivo: Sérgio Barani

Blc. Roberto Giorchino

Quando nos preparávamos para romper com um tabú, ou seja, para levar uma exposição de flores para o interior de um museu, no caso o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, uma das mais importantes instituições nacionais dedicadas à arte e à cultura, tive a oportunidade de escrever, na justificação do nosso projeto, que a mostra de flores é uma performance artística única porque é a expressão coletiva e mutável de um momento de beleza que nunca mais se repetirá igual.

Naquela ocasião, tive que fazer uma demonstração fotográfica para ilustrar as afirmativas que fazia.

Entre as fotos que selecionei estavam duas do nosso fotógrafo oficial, Carlos Ivan da Silva Siqueira, feitas numa das Expoin-ter de São Paulo, que destacavam momentos daquela exposição.

Uma exibia um estande do, à época, desconhecido, para mim, cultivador Sérgio Barani. A outra foto era de uma bela flor

alba, a *Cattleya* Irmã Dulce (ver pag. 67).

As duas fotos, muito precisas, como costuma ser o trabalho de Carlos Ivan, me impressionaram e, por isto, passei a prestar a atenção e a acompanhar o trabalho desse produtor.

Descobri, também, que a *Cattleya* Irmã Dulce era resultado de um cruzamento feito por Sérgio Barani, que tivera a coragem de mesclar duas “vacas sagradas” da orquidofilia mundial: *C. Princess Bells* e *C. Francis T. C. Au*, esta na versão famosa de Rolf Altenburg, a *C. Francis T. C. Au*, ‘Florália’.

O resultado fora absolutamente satisfatório, gerando-se uma planta tão robusta e florífera quanto as duas genitoras, mas de melhor qualidade e beleza, comprovando ser sempre possível melhorar o que, aparentemente, já é perfeito.

Desde então tenho acompanhado o trabalho profícuo daquele produtor, que ostenta o título de, não sendo do Rio, ter participado de todas as exposições anuais promovidas pela OrquidaRio.

Acabamos amigos e tive a oportunidade de conhecer melhor a sua sensibilidade e o nível dos seus interesses e preocupações sociais, tudo o que o tornam um dos líderes da movimento orquidófilo mais importante do país, o do estado de São Paulo.

Por isto pareceu-me importante começar com o trabalho desse “italo”, quando resolvi implementar um dos projetos editoriais recomendados pela Comissão Editorial de ORQUIDÁRIO, o de dar a palavra a produtores, comerciais ou não, para falar do seu trabalho e das circuns-

tâncias sócio-econômicas que cercam a sua atividade. O resultado não podia ser melhor pela franqueza do nosso entrevistado, que firma um padrão de abertura que, desejo seja seguido pelos nossos futuros entrevistados.

O texto que segue bem ilustra quem é Sérgio Barani, o que pensa sobre orquídeas, como objeto de contemplação e bem econômico.

Pergunta: Sérgio, você parece ter uma indisfarçada preferência por *Cattleya* de flores grandes. Isto se reflete na sua criação de híbridos. Você concorda com isto?

Resposta: Embora aprecie toda a família das orquídeas, com suas inúmeras formas, cores, perfumes e engenhosas maneiras de perpetuar-se como espécie, a atividade de produzir flores para consumo, especialmente para decoração, sempre nos obriga a buscar volume. Essa busca nos remete aos híbridos de *Cattleya* e a duas alternativas visuais: tamanho e número de flores. Nesses híbridos, o tamanho da flor é a qualidade genética mais evidente entre os gêneros de orquídeas, ficando, assim, o nosso trabalho com essa característica dominante.

Pergunta: Seria errado dizer que você inspirou-se muito no trabalho de hibridação de Rolf Altenburg, fundador da Florália?

Resposta: Acredito que a admiração pelo trabalho de Rolf Altenburg tenha sido o primeiro passo para, a seguir, buscar inspiração. Na realidade tratava-se e trata-se, ainda hoje (e, aí, descontadas as paixões...) de suprir o atendimento de um mercado que, na época, era carente de bons híbridos de *Cattleya*, carência que, a meu ver, persiste, ainda hoje, em quantidade e qualidade.



Foto:
Carlos
Ivan

Pergunta: Qual o seu objetivo ao projetar um híbrido? Pode falar-se num projeto de hibridação, como ele se desenvolve? Com que objetivos?

Resposta: Sem considerar o sucesso mercadológico de espécies de orquídeas com produção de flores em períodos definidos, como *Dendrobium*, *Cymbidium*, *Phalaenopsis* (esta cobrindo praticamente todo o ano), etc., híbridos de *Cattleya* são, teoricamente e para o nosso clima, a única opção viável para produção de flores em todas as estações. Nosso plano de hibridação leva este fato em conta e caminha no sentido de conseguir, em paralelo à oferta de flores em determinada época, outras características desejáveis: produtividade, durabilidade, resistência a doenças, tamanho, cor e atendimento a outras tendências de mercado (ou moda...)

Pergunta: Parece que uma das linhas do seu trabalho tem uma finalidade muito prática: suprir o mercado de flores em épocas de pouca floração. Esta minha impressão é verdadeira? Fale um pouco sobre isto.

Resposta: Orquídeas em flor são, indiscutivelmente, uma festa! E todo o mercado profissional, desde o consumidor, o florista, o distribuidor, o atacadista se comportam como pessoas que vão a um Buffet encomendar uma festa: “- anote aí, quero um bolo para tantas pessoas, tantos centos de doces, mais outro tanto de salgadinhos, etc. tudo entregue neste dia, neste endereço, às tantas horas...”

As datas comemorativas, as exposições, as noivas e a maioria dos eventos, inclusive os que teriam opção de escolha de data, raras vezes se preocupam com o calendário a que as flores se subordinam...

Quem acaba ficando com a árdua tarefa de tentar “coincidências” entre a criação divina e o calendário dos homens é o produtor. Contando com a parafernália das estufas, aquecedores, ventiladores, umidificadores, sombreadores, hormônios, laboratórios, orações, etc. e, sobretudo, com a ajuda de híbridos que tentam rearranjar aquilo que a providência divina já deixara disponível como carga genética de uma planta. Nosso trabalho tem como objetivo suprir o mercado em datas onde a demanda é maior, com cores adequadas às exigências do momento e com plantas economicamente viáveis, objetivo bastante ambicioso levando-se em conta o tempo e os riscos que decorrem desde uma polinização até chegar-se à realidade de uma orquídea em flor.

Pergunta: Como é que um engenheiro, ainda mais com sua especialização, maquinária, torna-se orquidófilo e comerciante de orquídeas?

Resposta: Embora com formação técnica (desenhista, projetista e engenheiro civil), as orquídeas sempre foram meu hobby. Em 1984 surgiu a possibilidade de trabalhar profissionalmente com orquídeas, na cidade de Guararema, São Paulo, no então Orquidário Pérola do Vale, atualmente Orquidácea. Esta oportunidade veio ao encontro de um desejo antigo, meu e de Fátima, minha mulher, de sairmos da cidade de São Paulo para um local que pudesse proporcionar mais qualidade de vida para nós e nossa família, que começava a crescer. Hoje na Nóbile Flores, nosso orquidário desde 1994, tenho certeza de que parte do engenheiro e do orquidófilo cederam espaço ao híbrido e orquidicultor.

Pergunta: Qual é a sua linha atual

(**) A RHS, sediada na Inglaterra, é a autoridade mundial que centraliza o registro de híbridos produzidos no mundo inteiro. O registro garante a propriedade, embora sem exclusividade, no que diz respeito à reprodução. O direito de autoria limita-se ao reconhecimento de que aquele cruzamento terá que ter sempre o mesmo nome. Exemplo, quem quer que refaça o híbrido resultante do cruzamento de *Cattleya Princess Bells* x *C. Francis T. C.* Au, terá, sempre, de apelidá-lo de *Cattleya Irmã Dulce*, um híbrido registrado, em 1992, por Sérgio Barani. A expressão **híbrido complexo** indica que se trata de cruzamento de, pelo menos, mais de dois gêneros.

de trabalho, seus projetos para o futuro?

Resposta: No momento, produção de híbridos de *Cattleya* para fins de decoração.



C. Fátima Barani

Foto e cultivo: Sérgio Barani

Busco, como disse anteriormente, plantas robustas, produtivas, com flores duráveis para épocas de maior demanda e com padrões de cores do agrado dos consumidores. Quando conseguimos ter algumas dessas qualidades combinadas harmoniosamente, ou seja uma planta “boa”, temos certeza de que também satisfaremos os orquidófilos. Trabalhando com objetivos tão pouco modestos, acreditamos que a busca, embora prazerosa, seja tão longa e inalcançável quanto a busca da perfeição que, a pesar de interminável, nunca será abandonada por orquidófilos e híbridos em geral.

Acredito, como mostra o crescente número de registros na Royal Horticultural Society - RHS, a tendência é termos híbridos cada vez mais complexos, sempre somando qualidades novas e diferentes (**)

Pergunta: Seus métodos de cultivo? Fale um pouco sobre os seguintes aspectos:

1. Estufas, tipo;
2. linhas de cultivo;
- 3 preferências por:
 - a) vasos;
 - b) substratos;
4. fertilização:
 - a) foliar? produtos e sistemas?
 - b) radicular? produtos e sistemas?
 - c) periodicidade?

Resposta:

1. Utilizo estufas de estrutura metálica coberta com filme de polietileno, usadas correntemente quando a produção é em larga escala (conhecidas popularmente, no Brasil, como tipo Holambra).

2. Atualmente cultivamos híbridos de *Cattleya*, híbridos de *Dendrobium nobile* e, em menor número, algumas espécies.

3 Preferências:

a) Para fins comerciais uso vasos plásticos devido às suas vantagens, como, baixo custo, pouco peso, tamanho uniforme que facilita a embalagem e ocupa menos espaço nas bancadas da estufa, podem ser encontrados, rapidamente, em qualquer quantidade, etc. Para uso em minha coleção uso os de barro pois observo que são “preferidos” pelas orquídeas.

b) Acredito que o problema **substrato** não tenha solução que possa ser considerada definitiva. Sem dúvida o xaxim é o substrato que mais sucesso obtém no cultivo de orquídeas. Sem querer entrar na discussão, que também parece interminável, quanto ao **melhor substrato**, penso que sendo, ainda hoje, de fácil obtenção, baixo custo, de aparência agradável, consistência e peso adequados para fixação da planta e para transporte, o xaxim parece insubstituível. Sei que, embora, sendo produto de extração nas regiões em que é nativo e não cultivado, de crescimento lento a ponto de impedir produção em escala comercialmente viável, está, por tudo isto,



Lc. Beatriz Künning

na lista do IBAMA, de plantas a serem protegidas e preservadas, o que justifica a busca urgente de alternativas.

Em nosso cultivo temos testado casca de côco, piaçava, pedra britada, carvão, musgo, etc. Temos notícia de de cultivadores que estão testando, com êxito, uma mistura de casca de pinho, isopor e carvão.

Mas como o produtor usa o substrato em larga escala (para os padrões orquidófilos, mas pequena em termos industriais...), estamos todos permanentemente na expectativa quanto ao surgimento de alternativas, sobretudo no tocante a qualidade, disponibilidade de quantidade e acessibilidade dos preços.

4. Utilizamos adubos líquidos foliares, por serem de aplicação mais econômica, já que são misturados à água de rega. No momento usamos os produtos da linha Dyna-Grow. Preferimos diluir as aplicações para obter um efeito homeopático, sempre respeitando as recomendações do fabricante.

Pergunta: Porque você fez curso para Juiz de concursos de orquídeas?

Resposta: Na época o Brasil necessitava (e ainda necessita) de pessoas para compor as Comissões Julgadoras das exposições internacionais, tendo em vista que nos preparávamos para realizar a 15th WOC. Achei, por isto, que era um bom

momento para melhorar os meus conhecimentos sobre orquídeas, colaborando, assim, com a comissão organizadora.

É atividade que recomendo aos que tiverem oportunidade, pois, além do conhecimento adquirido, estou convencido de que é uma necessidade nacional, posta importância do Brasil, em termos de plantas, espécies, híbridos e número de cultivadores. Creio que já é chegada a hora de pensar-se na criação de uma entidade nos moldes da AOS, com pessoas de gabarito e critérios aceitáveis internacionalmente, a que possam submeterem-se as nossas plantas, daí resultando o respeito internacional.

Pergunta: Dê o seu depoimento sobre o comércio de orquídeas no Brasil. Do seu ponto de vista, qual o futuro? Você considera, como muitos, já saturado, ou isto só ocorre em grandes *províncias* orquidófilas, como São Paulo, Rio, Porto Alegre, etc.? Você tem exportado? Em caso afirmativo como você sente o mercado externo para as flores do Brasil? E o interesse brasileiro nas flores de outras regiões do mundo?

Resposta: O comércio de orquídeas no Brasil é assunto muito amplo e acho muito difícil tratá-lo em poucas palavras. Não acredito que se possa falar de saturação de mercado, mesmo em se tratando de São Paulo, Rio e outros centros consumidores. Atravessamos um período de conjuntura econômica difícil, com o poder de compra da massa consumidora não bastante elevado. Avaliar o mercado em momento destes pode resultar em conclusões não muito confiáveis para projeções futuras. Em se tratando de orquídeas devemos projetar, sempre, para médio e longo prazos...

Quanto a algumas espécies trazidas do exterior e que se adaptaram muito bem no Brasil, estamos observando uma aparente super-produção. Aparente, porque o Brasil poderá ter o seu consumo de flores per capita muito ampliado se tivermos leves

mudanças econômicas, como já aconteceu recentemente. Além disso o país poderia ser (e deverá ser ao meu ver...) um expressivo exportador de flores. No momento o que existe é um grande esforço de uma parcela de produtores que trabalham para melhorar a oferta de bons produtos, dando atenção para itens como: quantidade, qualidade, embalagens adequadas, baixo custo de produção, etc., para que, no futuro, seja possível o atendimento de uma demanda nacional e internacional que é realidade.

O brasileiro é receptivo a novas variedades vindas do exterior. Na realidade, tomando-se como base outros países, um dos primeiros fatores de demanda a serem considerados, são os costumes. Nós temos um povo alegre, vibrante, sensível e que gosta de flores. Numericamente falando, também representamos um importante mercado potencial. A final, 160 milhões de habitantes é um número que nos coloca, como mercado, à frente de todos os países sulamericanos e de muitos da Europa, um número que nos transforma em alvo de governos e de produtores mais atentos da América do Sul e, até mesmo, de países mais distantes, que, a despeito dos custos de frete, taxas e impostos, conseguem colocar seus produtos aqui.

Parece que, no momento, as políticas econômicas não favorecem a exportação. Inversamente a países tradicionalmente exportadores de flores, o Brasil não oferece incentivos, linhas de crédito e facilidades alfandegárias que são comuns nas regiões que tem na floricultura uma grande fonte de divisas.

(*) Rua D. Mariana 73/902
22.280-020 Rio, RJ

Híbridos produzidos e registrados por Sérgio Barani

<i>Pot. Orquidacea's Glory</i> (<i>Lc. João Antonio Nicoli</i> x <i>Pot. Crimsom Glory</i>)	<i>Lc. Maria Aparecida Barani</i> (<i>Lc. Culminant</i> x <i>C. Rubens Ribeiro</i>)
<i>Lc. Orquidacea's Victory</i> (<i>Lc. Victoria de Castro</i> x <i>Lc. Alfredo Martinelli</i>)	<i>Bc. Innocence Ann</i> (<i>C. Prima Donna</i> x <i>Bc. Pastoral</i>)
<i>C. Orquidacea's Pink Test</i> (<i>C. Brabantiae</i> x <i>C. trianaei</i> 'The Premier')	<i>Bc. Pink Dinah</i> (<i>Bc. Pastoral</i> x <i>C. Dinah</i>)
<i>Blc. Tânia Maria França</i> (<i>Lc. Pink Season</i> x <i>Blc. Roberto Cardoso</i>)	<i>Blc. June Bells</i> (<i>Blc. June Moore</i> x <i>C. Bow Bells</i>)
<i>Blc. Roberto Giorchino</i> (<i>Blc. Roberto Cardoso</i> x <i>Lc. José Dias de Castro</i>)	<i>Blc. Turalieri</i> (<i>Bc. Turandot</i> x <i>Lc. Lina Cavalieri</i>)
<i>C. Irmã Dulce</i> (<i>C. Princess Bells</i> x <i>C. Francis T. C. Au</i>)	<i>Lc. Zuki Fontes</i> (<i>Lc. Zuki Ennerdias</i> x <i>Lc. João Paulo Fontes</i>)
<i>C. Fátima Barani</i> (<i>C. Francis T. C. Au</i> x <i>C. percivaliana</i>)	<i>Blc. Glorious Innocence</i> (<i>Bc. Pastoral</i> x <i>Lc. Rolf Altenburg</i>)
<i>Epc. Stephanie Giustino Cortez</i> (<i>Epc. Randi</i> x <i>C. skinneri</i>)	<i>C. Francis Beauty</i> (<i>C. Francis T. C. Au</i> x <i>C. Bangkok Beauty</i>)
<i>C. Virgínia Ruiz</i> (<i>C. Francis T. C. Au</i> x <i>C. Tiffin Bells</i>)	<i>Blc. Júlio Barbero</i> (<i>Blc. Waikiki Gold</i> x <i>Lc. Alexis Sauer</i>)
<i>Blc. Plácido Barani</i> (<i>Lc. Evaldo Wenzel</i> x <i>Blc. Roberto Cardoso</i>)	<i>Blc. Lourdes Panucci</i> (<i>Bc. Orglade's Pink Raw</i> x <i>Blc. Pamela Farrell</i>)
<i>Blc. Roberto Agnes</i> (<i>C. Mother Enid</i> x <i>Blc. Cap. Pessôa</i>)	<i>Blc. Odila Piccin</i> (<i>Lc. Zuki Ennerdias</i> x <i>Bc. Pastoral</i>)
<i>Blc. Pelegrino Varani</i> (<i>Bc. Caio Ramos</i> x <i>Lc. Peak Season</i>)	<i>Blc. Angela Breviglieri</i> (<i>C. Rubens Ribeiro</i> x <i>C. Bangkok Beauty</i>)
<i>C. Angela Furlanetto</i> (<i>C. Rubens Ribeiro</i> x <i>C. Francis T. C. Au</i>)	<i>Bc. Dee Francis</i> (<i>Bc. Déesse</i> x <i>C. Francis T. C. Au</i>)
<i>Lc. Fort Season</i> (<i>Lc. Peak Season</i> x <i>Lc. Fort Lauderdale</i>)	<i>C. Sérgio Ostetto</i> (<i>C. percivaliana</i> x <i>C. Rubens Ribeiro</i>)
<i>Blc. Nelide Cremasco Ostetto</i> (<i>Lc. Evaldo Wenzel</i> x <i>Bc. Turandot</i>)	<i>C. Thereza Maria Gobo</i> (<i>C. Rubens Ribeiro</i> x <i>C. Prima Donna</i>)



FLÁVIO CARDIM, 52 ANOS DE CULTIVO DE ORQUÍDEAS

DELFINA DE ARAÚJO (*)

Flávio Cardim é, hoje, considerado por muitos orquidófilos como um dos melhores cultivadores do país. A orquídea faz parte de sua vida desde a infância. Sua mais remota lembrança leva-o aos 6 anos de idade quando, aos domingos, ele ia com o pai, então encarregado do orquidário Binot, ver as orquídeas. Se ele gostava de brincar ou não, ele não se recorda mas se lembra de ter sempre gostado delas. Aos 12 anos, começou a trabalhar com o pai arrancando matinho dos vasos e, naquele momento, numa idade em que, normalmente, nem se percebe que as plantas existem, ele sentiu que era isto que que iria gostar de fazer na vida e ainda hoje é o que gosta e sabe fazer. São 52 anos cuidando de orquídeas, uma vida inteira de dedicação a elas. Ficou no Orquidário Binot por 44 anos, 22 sobre orientação de seu pai e depois, mais 22, dirigindo o orquidário. Há 8, está no Orquidário Quinta do Lago. Flávio nunca fez um curso sobre o cultivo de orquídea e tudo o que sabe foi aprendendo um pouquinho a cada dia, na vivência, ouvindo o que as pessoas falavam, no convívio diário com as orquídeas, procurando sentir o que era bom para elas, observando pois segundo ele, elas praticamente nos falam do que precisam. Para ele, observação é a chave do segredo do cultivo. Está com 65 anos, achando a vida ótima cultivando as orquídeas. Modesto, acha que ainda está aprendendo, que ainda tem muito que aprender e que fez alguma coisa por elas mas que elas teriam feito muito mais por ele. Seguramente ele fez muito por elas (vide o híbrido *Lc* Quinta do Lago, feito por ele).

Tantos anos de observação e convívio

diário fizeram com que ele adquirisse uma maneira toda sua de cultivar onde não faltam as pequenas soluções para os grandes problemas. A floração, sempre surpreendente, obtida tanto nas estufas para fins comerciais quanto na coleção particular da Quinta de Lago nos mostra que seu método é um sucesso. Pessoa extremamente afável, não hesita em dizer tudo o sabe deixando passar a impressão de que não só gosta muito de orquídeas como também gosta de transmitir seu conhecimento, fazendo com que as pessoas aprendam a gostar e a cultivá-las.

Para ele, luz e ventilação adequadas são fundamentais mas considera também importantes a adubação, o cuidado sanitário e a rega. Fiel às suas afirmativas, ao construir as estufas da Quinta Lago, sua preocupação maior foi obter o máximo possível de luminosidade e não permitiu que fosse usado um tijolo sequer, fazendo-as totalmente abertas para proporcionar assim um ambiente onde a ventilação é constante.

Quanto à adubação, há 32 anos usa



Foto: Delfina de Araújo

somente torta de mamona bem fininha, sem mistura nenhuma. Ela é aplicada de 3 em 3 meses com exceção do período mais frio. A quantidade varia de acordo com o tamanho do vaso, nos grandes, utiliza-se uma colher de sopa rasa, uma colher de sobremesa para os vasos médios e, uma colher de chá para os vasos pequenos. Deve ser muito bem espalhada sobre o substrato, regando-se em seguida, normalmente, para possa aderir ao xaxim pois é ela um pouco seca. Não concorda que a torta de mamona possa queimar as raízes, ele vem usando este tempo todo sem jamais ter visto uma raiz queimada. Ela é usada tanto nas estufas de Petrópolis (clima frio) quanto nas estufas de Maricá (clima quente) ou mesmo no Rio de Janeiro, onde já prestou assistência a coleções particulares. É utilizada também, sem problema nenhum, em orquídeas de raízes muitas finas tipo *Miltonia*, *Dendrobium*, *Oncidium* ou até mesmo nas placas. Nas placas, o procedimento é um pouco diferente para impedir que a mamona escorra totalmente na primeira rega após a adubação. Primeiro, é necessário mergulhá-las num balde com água para umedecê-las, em seguida, a mamona é colocada, deixando as placas durante meia hora na posição horizontal para que o produto se fixe e só então elas são dependuradas novamente. Ele calcula que se perca de 10 a 15% do produto na rega. Um pequeno segredo, até nas Vandas mesmo quando plantadas em cachepot, pode-se utilizar a torta de mamona bastando que se coloque uns pedaços de xaxim como substrato. Vai proporcionar um enraizamento extraordinário. Ele explica que a torta de mamona, rica em nitrogênio, vai compensar o efeito da luminosidade intensa já que as plantas devem receber o máximo de luminosidade que elas possam suportar, impedindo-as de ficarem amareladas, fazendo-as ficarem bonitas, verdinhas. Para ele, o esterco de galinha (depois de devidamente preparado, curtido), também rico em nitrogênio faz o



Foto: Delfina de Araújo

Planta a ser reenvasada, mostrando o raizame antes da tosa

mesmo efeito só que a mamona é muito mais prática de ser utilizada. Esta adubação influencia no aspecto vegetativo da planta, tornando-a mais forte mas, na sua opinião, não há adubo que dê jeito na floração senão houver a luminosidade necessária. Ele obtém uma belíssima floração sem nunca ter usado fósforo mas não condena quem usa, só que ele acredita que pode-se dar o quanto quiser de fósforo mas se não houver a luminosidade adequada, a orquídea não vai florir bem. Se ela tiver luz e não tiver o fósforo, ela vai florir assim mesmo. Ele ainda diz que talvez possa conseguir-se uma floração mais prolongada e vigorosa com o uso do fósforo mas ele não sabe pois nunca o utilizou. Ele conseguiu floração de *Cymbidium* de 1 ano e meio, num vasinho muito pequeno (tanto é que um fica dentro de um outro um pouco maior para manter o equilíbrio) sem uma gota de fósforo, só com muita luminosidade e torta de mamona.

Ele também falou da importância da rega e porquê ela deve ser feita manualmente. Nesta época do ano, em Petrópolis (período mais frio), as orquídeas são regadas apenas duas vezes por semana pois a umidade proporcionada é suficiente para agüentarem este tempo todo sem nova rega. Se a rega fosse automática, todos os vasos, não importando o tamanho, seriam molhados na mesma intensidade e ao mesmo tempo já que numa mesma estufa tem-se vasilhos, que secam muito rápido e tem-se

vasos grandes que levam mais tempo para secar. Manualmente, pode-se fazer este controle e quando for regar os pequenos, colocar mais água neles, dobrando ou até triplicando a dose. Do contrário, no dia seguinte à rega, os vasos pequenos estão secos e os grandes ainda molhados e, se a estufa for regada novamente, vai-se regar o que precisa e o que não precisa. Ele nos sugere duas saídas: ou se faz uma rega manual ou então uniformizam-se as estufas para poder fazer uma rega automática, vasos pequenos em uma e grandes em outra. Ele vê um problema sério quando a pessoa que cuida das orquídeas não tem noção da quantidade de água necessária. Quando são instruídas a molharem mais porque as orquídeas estão muito secas, tendem a molhar demais e praticamente as afogam. Pede-se para diminuir e as plantas ficam desidratadas porque a redução foi drástica. A instrução é severa, não se pode pecar nem pelo excesso ou pela falta de água. É preciso fazer uma rega também diferenciada quando tiverem, num mesmo ambiente de cultivo, orquídeas plantadas de uma maneira tradicional (com xaxim) e outras espécies plantadas de uma maneira completamente diferente, sem substrato nenhum como é o caso de *Vanda*. Mesmo nos períodos mais frios, as *Vandas*, simplesmente amarradas no cachepots de madeira, devem ser regadas, no mínimo, uma vez por dia. Regá-las da mesma maneira que as outras plantas (2 vezes por semana), pode provocar a sua fatal desidratação. Sendo possível regar a *Vanda* diversas vezes ao dia, sobretudo no verão, ela pode ficar num cachepot de madeira sem substrato nenhum. Colocar cubos de xaxim, além de permitir o uso da mamona, ajuda a manter a umidade. Para ele, colocar um pratinho com água, dependurado debaixo do cachepot, para manter a umidade, não é suficiente pois a planta é ser vivo e se ela está com sede, tem que beber. O que foi dito sobre vasos pequenos e grandes, é

também válido para placas e pedaços de xaxim. Uma placa grande mesmo no verão, pode ser regada a cada 3 dias, as pequenas precisam de mais frequência. Novamente a importância da observação. A qualidade da água não é considerada por ele como um problema muito grave pois durante 20 anos cuidou de uma coleção que começou com 50 plantas e acabou com 3.500 e que era regada com uma água que vinha branca de tanto cloro e as plantas eram lindas, floresciam que era uma maravilha. Por isto ele tem condições de dizer que é perfeitamente possível tratá-las com água clorada mas se tiver escolha, vai escolher, com certeza, a natural como é o caso da Quinta do Lago.

Como substrato, ele só utiliza o



Cimbydium florindo aos 3 anos

Foto: Delfina de Araújo

xaxim e não abre mão disto.

Ele faz, como todo mundo, uma poda geral das raízes na hora do reenvasamento e considera que ninguém precisa ter medo de quebrar uma raiz quando for transplantar pois o poder de regeneração da orquídea é incrível. Seria um desperdício quebrar o vaso para retirar a planta já que fatalmente as raízes vão ser cortadas para acomodá-las no novo substrato e se elas se quebrarem simplesmente, a brotação será mais demorada. Deve deixar-se as raízes velhas com 4, 5 cm, no máximo, ou talvez nem tanto mas as novas que tenham condições

de entrar no xaxim sem quebrar, devem ser deixadas intactas. Quando for transplantar, é necessário deixar espaço suficiente para um crescimento de mais três anos. Se a planta tem dois segmentos e você tem poucas plantas da espécie ou não quer usar um vaso muito grande, você pode dividir e coloca um segmento em cada vaso. Senão, você pode manter tudo num vaso só e ao invés de vir uma haste só na próxima floração, virão duas ou mais. Dá uma dica que não se vê em manual nenhum: É



A planta mostrada na página 73 já replantada

Foto: Delfina de Araújo

preciso fazer uma poda de limpeza e ele nos mostra vasos cujas raízes foram quase todas podadas há 4 meses. É uma poda superficial onde todas as raízes velhas são podadas mas não tão drasticamente quanto na época do reenvasamento. As mais novas, as menores são mantidas. O resultado é extraordinário, a planta parece agradecer este cuidado. Ele nunca usou nenhum antisséptico para a cicatriz, nem nunca lavou nenhum vaso para reutilizá-lo e o estado sanitário de suas plantas é excepcional.

Sobre o cultivo do *Catasetum*, ele nos diz que tanto os cultiva em pedaços pequenos de xaxim quanto em vasos (da

mesma maneira que a *Cattleya*). Em Maricá, clima mais quente e mais apropriado ao seu cultivo, eles estão dependurados, com as raízes subindo em volta deles, sinal de que eles estão indo muito bem mas os que ficaram nos vasos também estão muito bonitos. Ele não vê diferença entre os resultados obtidos no cultivo de uma ou de outra maneira. Para ele, a grande dificuldade é a rega, deve ser reduzida drasticamente em relação à *Cattleya*, principalmente nos períodos mais frios quando deve ser superficial, molhando-se muito pouco.

Quando fez as estufas, ele já pensava num modo de aproveitar todo o espaço lateral para por mais orquídeas, para isto colocou-as em placas ou pequenos pedaços de xaxim para poderem ser de pendurados, deu muito certo.

Com relação às pequenas e micro orquídeas, ele ensina que primeiro precisa-se saber se são de lugar mais sombrio na natureza como *Pleurothallis* e *Isabelia*, neste caso, precisam um pouco mais de sombra. Se de lugar alto como alguns *Sophronitis*, principalmente *coccinea*, que dão lá no topo das árvores, deve proporcionar-se a elas um lugar mais claro. Se dá na parte mais baixa das árvores como o *Sophronitis mantiqueirae*, por exemplo, dá-se menos luz. As pequenas e micro-orquídeas vão muito bem em vasos pequenos ou pedacinhos de xaxim.

Considerando que um dos pontos principais é o cuidado com o estado sanitário de uma coleção, ele também discorreu sobre um grave problema do cultivo: pragas. As orquídeas são atacadas por tentecoris, pela mosca da *Cattleya* (*Eurytoma orchidearum*), que dá nos brotos, por fungos, por caramujo, lagarta, enfim uma enormidade de inimigos. Existem diversos tipos de fungo e eles se mostram nas folhas, surgem pontos escuros, manchas escuras, redondas. Tem também a ferrugem, muito esporádica mas que pode aparecer também. Considera que

o Benlate é o remédio mais eficaz de todos para eliminar este tipo de problema. Já utilizou outros produtos e não obteve a solução desejada. Embora já tenha lido e ouvido dizer que iria estragar ou atrofiar as orquídeas, ele o usa há 40 anos e nunca viu dar problema nenhum. Com relação a vírus, infelizmente, ele não tem novidade, planta infectada tem que ser incinerada. Ele ensina como reconhecer a infecção que é mais facilmente identificada na flor colorida pois ela começa a apresentar uma estrias brancas, descoloridas. Na orquídea branca é mais difícil de se ver pois é o contrário, aparecem umas manchinhas escuras, pontos pretos, necroses, como se fosse um fungo que estivesse atacando a flor. Embora seja mais difícil, pode reconhecer-se, também, na planta, pois ela vai ficando deformada, o broto novo começa a definhando, a folha fica meio atrofiada, meio áspera. Mas, a pesar disto, ela floresce normalmente. Vírus se transmite por contato através de faca, tesoura, ou, até mesmo, pela mão do cultivador se ele cortou uma flor, um pseudobulbo de uma planta com vírus e vai manipular uma outra que não tenha vírus. Sempre há a possibilidade de transmissão embora não se saiba a proporção.

Ele faz um alerta para o perigo de se adquirir uma planta atacada pela mosca, se você não percebe, em um ano terá todas as suas plantas contaminadas. Ou você corta estes brotos infestados e pulveriza uma, duas ou até três vezes com inseticida sistêmico para combater ou vai ter um problema muito sério. A multiplicação destes insetos é incrível, o ambiente fica rapidamente infestado. A mosca ataca, deposita ovos na base das gemas e as larvas vão minando a planta em sua auto defesa atacando sucessivamente todas as gemas, mesmo as dormentes. Esta infestação é mais facilmente percebida quando o broto tem 2 a 3 cm de comprimento. Atrofiado, não cresce normalmente, fica fininho em cima, muito grosso embaixo pois as larvas estão lá dentro. Não se pode começar a cortar tudo quanto é broto robusto porque pode ser que ele esteja robusto porque a planta está forte. É só pela prática que se aprende a diferenciar estas duas situações. Quando começam a aparecer os furinhos no pseudobulbo, é sinal de que a mosca já saiu e está infestando as outras plantas.

Texto baseado na entrevista concedida à home page Brazilian Orchids <http://delfina.simplenet>.

Perguntas e Respostas

P. Eu possuo uma Cattleya dormaniana plantada em vaso de barro e, como substrato, fibra de xaxim. Verifiquei que o broto deste ano nasceu enterrado, crescendo para dentro do xaxim. O mesmo aconteceu com uma Cattleya intermedia. Os bulbos dianteiros das duas estão retorcidos, com folhas deformadas, pois não puderam se abrir. O que pode ter acontecido, o que faço, sacrifico estes brotos?

Fernando Ramos
Manhumirim, MG

R. Provavelmente você esqueceu uma regra fundamental no cultivo de orquídeas, o rizoma não deve ser enterrado, nem coberto, mas deve repousar sobre a superfície do substrato. Tendo ficado encobertas as gemas novas começaram a desenvolver-se para baixo, buscando espaço para crescer e encontrar luz. A deformação vem de terem encontrado resistência ao seu desenvolvimento, certamente da parede do vaso.

Não há necessidade de sacrificar esses pseudobulbos, desde que estejam sadios (é comum, nessas circunstâncias, que eles apodreçam pelo excesso de umidade). Procure descobri-los totalmente, removendo o xaxim em volta deles. Não tente desenrugá-los pois há risco de quebra. Com uma etiqueta ou qualquer outro objeto chato, faça um plano inclinado até a borda mais próxima do vaso, de maneira a que o pseudobulbo deformado fique sobre uma das pontas do objeto plano, na parte mais baixa. Aos poucos o crescimento vai ser orientado para que o bulbo saia do vaso. Quando ele estiver maduro, você pode estaqueá-lo e ir forçando, com cuidado, a levantar-se. Atenção para que as gemas desse bulbo não fiquem de novo encobertas, repetindo, assim, a deformação... (Continua na página 87)

Plectrophora schmiditii Jenny & Pupulin spec. nov.

Uma nova espécie do Brasil

Rudolf Jenny (*)

Franco Pupulin (**)

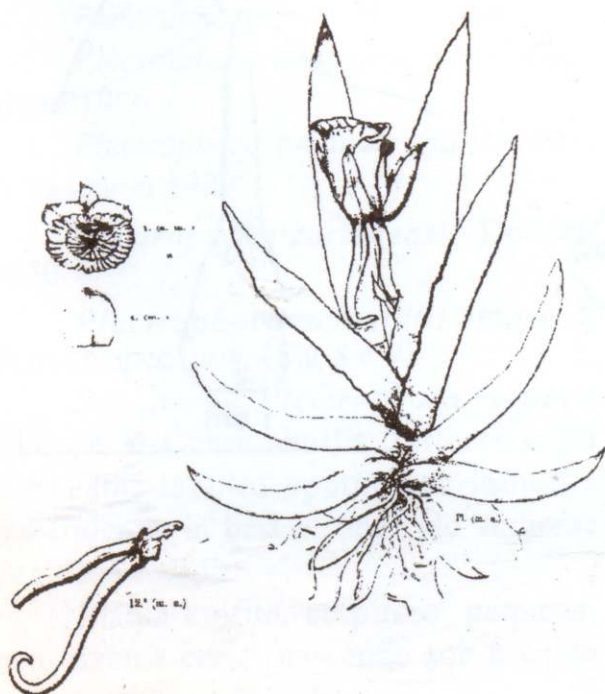
(Trad. Waldemar Scheliga)

No verão de 1993, recebi do Senhor Scheliga, do Brasil, uma pequena e pouco vistosa orquídea para ser classificada. Na etiqueta, a plantinha era chamada *Centroglossa*, mas a foto que a acompanhava apresentava flores amarelas relativamente miudas. Em cultivo a plantinha se desenvolveu com bastante facilidade e rapidês, mas só floresceu em 1995. Comparações minuciosas com todas as espécies conhecidas do gênero *Centroglossa* demonstraram logo que a planta em questão não pertencia a tal gênero.

A análise se estendeu para o gênero *Plectrophora* em nada aparentado com o gênero *Centroglossa*. Entretanto, aí

Fig.1

Plectrophora calcarhamata Hoehne, in Comissão de Linhas Telegraficas e Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas, 1910



120.

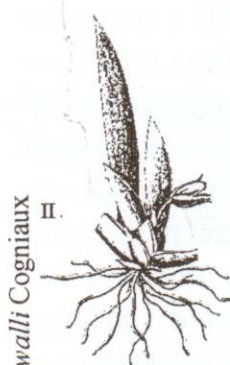


Fig. 2. *Plectrophora edwalli* Cogniaux

também, as características morfológicas não se ajustavam inteiramente às do gênero e a nova espécie poderia juntar-se a duas outras espécies discutíveis de *Plectrophora*. Juntamente com *Plectrophora suarezii*

(Dodson & Chase)

e *Plectrophora tucanderana*

(Dodson & Vasquez)

poderia a nossa espécie ser

levada para um

subgenus próprio de *Plectrophora*. O gênero *Plectrophora* está a carecer de uma revisão taxonômica que possa evidenciar se deve ser tratado como subgenus ou seção,

ou como gênero mesmo.

Centroglossa pertence à

subtribo Ornithocephalinae.

Plectrophora, por seu lado,

pertence à subtribo Oncidiinae, em conjunto com o

gênero afim *Trichocentrum*. Em *Trichocentrum* o

calcar é formado a partir do

labelo e em *Plectrophora*

inequivocamente pelas sépala

laterais.

Os gêneros citados,

com exceção de *Trichocentrum*

raramente são encontrados

em cultivo e é caso de

muita sorte conseguir um

exemplar de uma dessas plantas e, ainda,

na dúvida quanto a real classificação. O

Fig.3.

Plectrophora cultrifolia (Barb. Rodr.) Cogniaux, in Martius 'Flora Brasiliensis', de 1906.

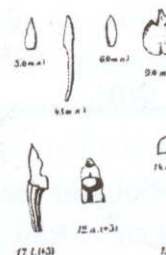


Fig 9

Plectophora schmidtii Jenny & Pupulin (Tipo)

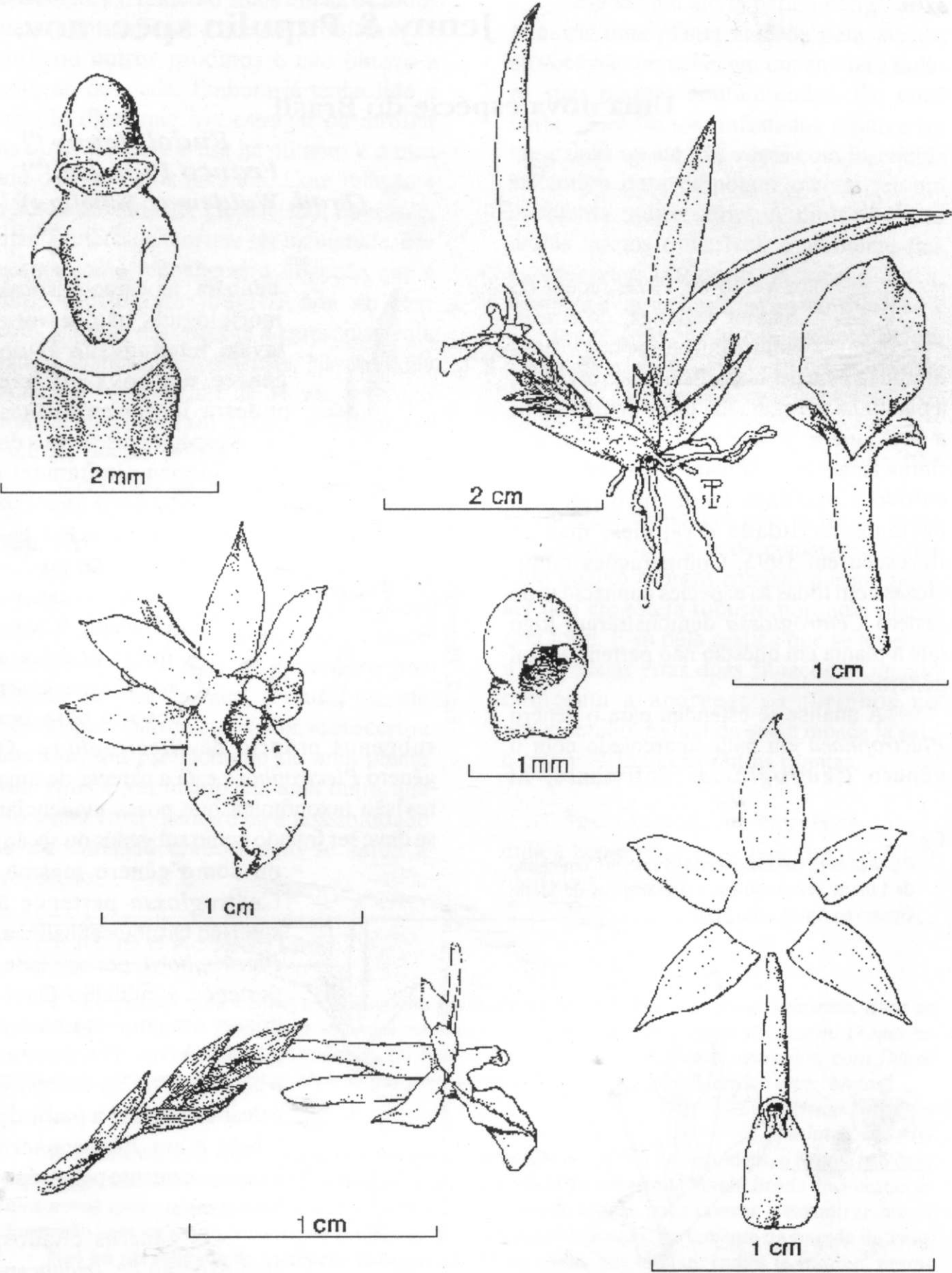
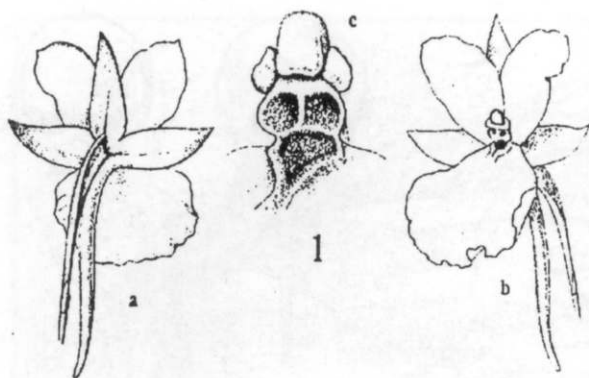


Fig.4

Plectrophora iridifolia Focke in Kungl. Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar, 1911



gênero *Plectrophora* foi descrito em 1848 por FOCKE tendo por tipo a espécie *Plectrophora iridifolia* (Fig 4). Atualmente o gênero comporta 9 espécies, sendo que três das mesmas foram transferidas do gênero *Trichocentrum*, em razão do já mencionado calcar formado pelas sépalas.

Plectrophora iridifolia Focke 1848.

Plectrophora alata (Rolfe) Garay 1967.

Plectrophora calcarhamata Hoehne 1910 (Fig. 1).

Plectrophora cultrifolia (Barb. Rodr.) Cogniaux 1904 (Figs. 3 e 5).

Plectrophora edwallii Cogniaux 1910 (Fig. 2).

Plectrophora suarezii Dodson 1989

Plectrophora triquetra (Rolfe) Cogniaux 1906.

Plectrophora tucanderana (Dodson & Vasquez) 1989.

Plectrophora zarumensis Dodson 1980

Plectrophora schmidtii Jenny & Pupulin spec. nov. (Fig 8 e 9).

Species ad *Plectrophora suarezii* Dodson & Chase similis, inflorescentia congesta, labello spathulato lamellis puberulentis in basi et operculo antherae papilloso recedit.

Planta epífita, cespitosa, pequena, com rizoma curto, nascendo sob a união

dos pseudobulbos com o rizoma. Pseudobulbos quase atrofiados, discoides, oval-elípticos, unifolares no ápice, 0,6 cm de comprimento e 0,5 cm de largura, encoberto na base por 2-3 folhas dísticas, tornando-se papíreas com a idade. Folhas coriáceas, verdes, elípticas a linear-elípticas, carenadas abaxiais, restritas na base para formar curto pecíolo com 4 cm de comprimento e 0,6-0,7 cm de largura. Inflorescência com ráculo mais curto que as folhas, singelas ou bifurcadas, portando flores sucessivas, pedúnculo terete com 1,2 cm de comprimento, coberto com muitas brácteas triangular-ovaladas, 0,3 cm de comprimento e 0,2 cm de largura. Ovário, nodoso, prismático com 0,8 cm de comprimento incluindo o pedicelo. Flores espalhadas, sépalas e pétalas amarelo-esverdeado, labelo amarelo pintalgado de laranja, com calo amarelo-ouro. Sépala dorsal elíptico-ovalada, no dorso carenada, acuminada no ápice, 0,45 cm de comprimento e 0,2 mm de largura. Sépalas laterais, oblíquo-ovaladas, côncavas em direção ao ápice, dorso carenado, acuminado, 0,4 cm de comprimento e 0,2 cm de largura, fundindo na base, produzindo um delgado esporão, 0,5 cm de comprimento e 0,08 cm de largura. Pétalas oblongo-lineares, acuminadas, 0,35 cm de comprimento e 0,6 cm de largura. Labelo, adnato para a base da coluna, espatulado, mais ou menos encurvado, truncado, apiculado no ápice côncavo, 0,75 cm de comprimento e 0,2 de largura produzindo na base um calo delgado formado de 2 quilhas com penugem no ápice, fundindo atrás da parede produzida pelo adnato do labelo, parede triangular, m/m 0,25 cm de comprimento, provido de um par de asas estigmáticas escuras e penugentas. Opérculos subglobosos, operculatos, densamente papilosos na metade basal. 2 políneas.

Tipo: Brasil, estado do Mato Grosso nas proximidades das divisas com o Pará, Alta Floresta, Rio Teles Pires, 280 m, col.

Fig.5

Plectrophora cultrifolia (Barb.Rodr.) Cogniaux, in CHRISTENSON, E.A, Icones Orchidacearum Peruvianum, 4:1995,t.348 (sob cordial permissão do Autor)

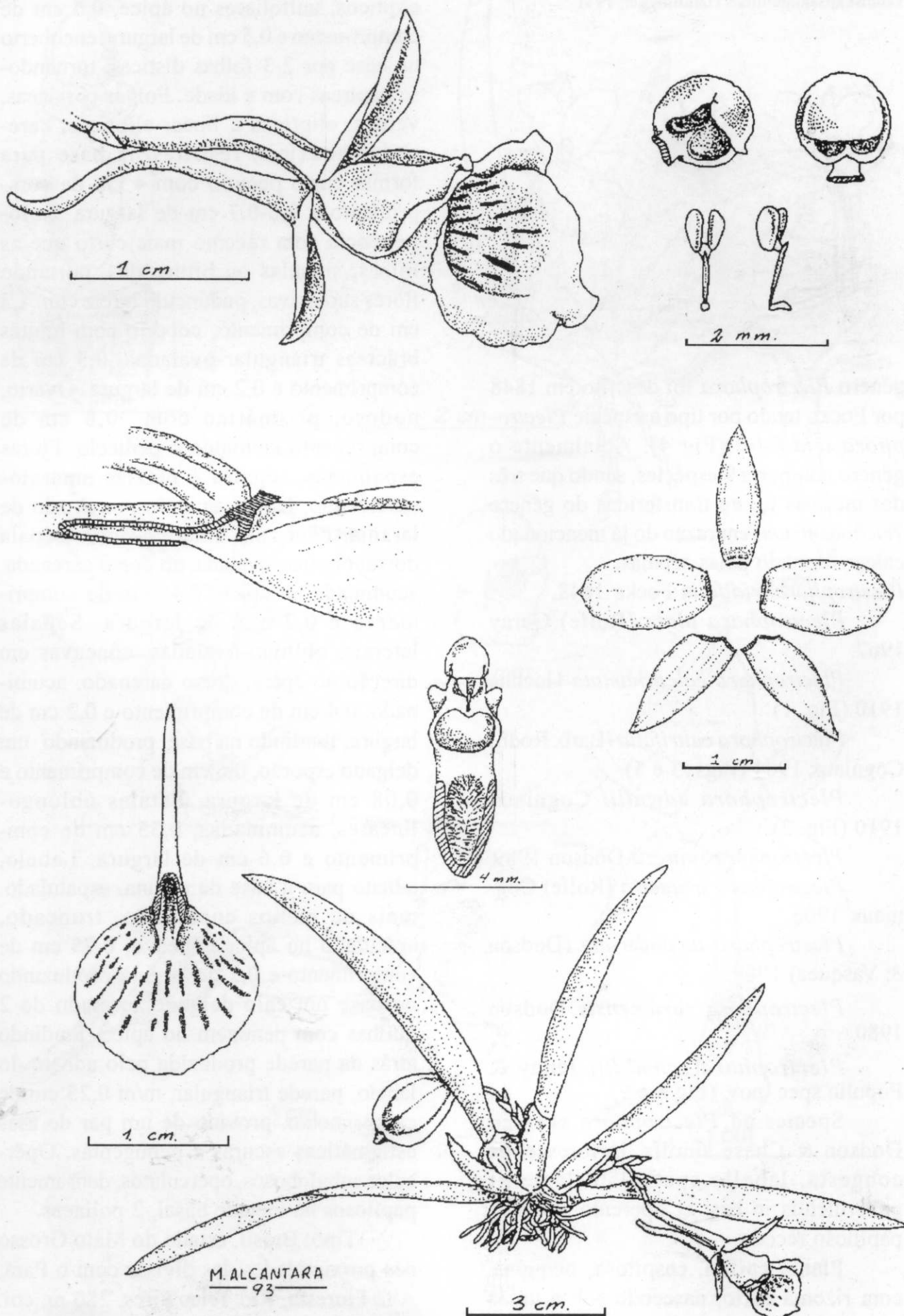


Fig. 6

Plectrophora triquetra (Rolfe) Cogniaux, in CHRISTENSON, E.A., Icones Plantarum Tropicarum, 2: 1993, t. 155.

(Reproduzido com a gentil permissão do Autor)

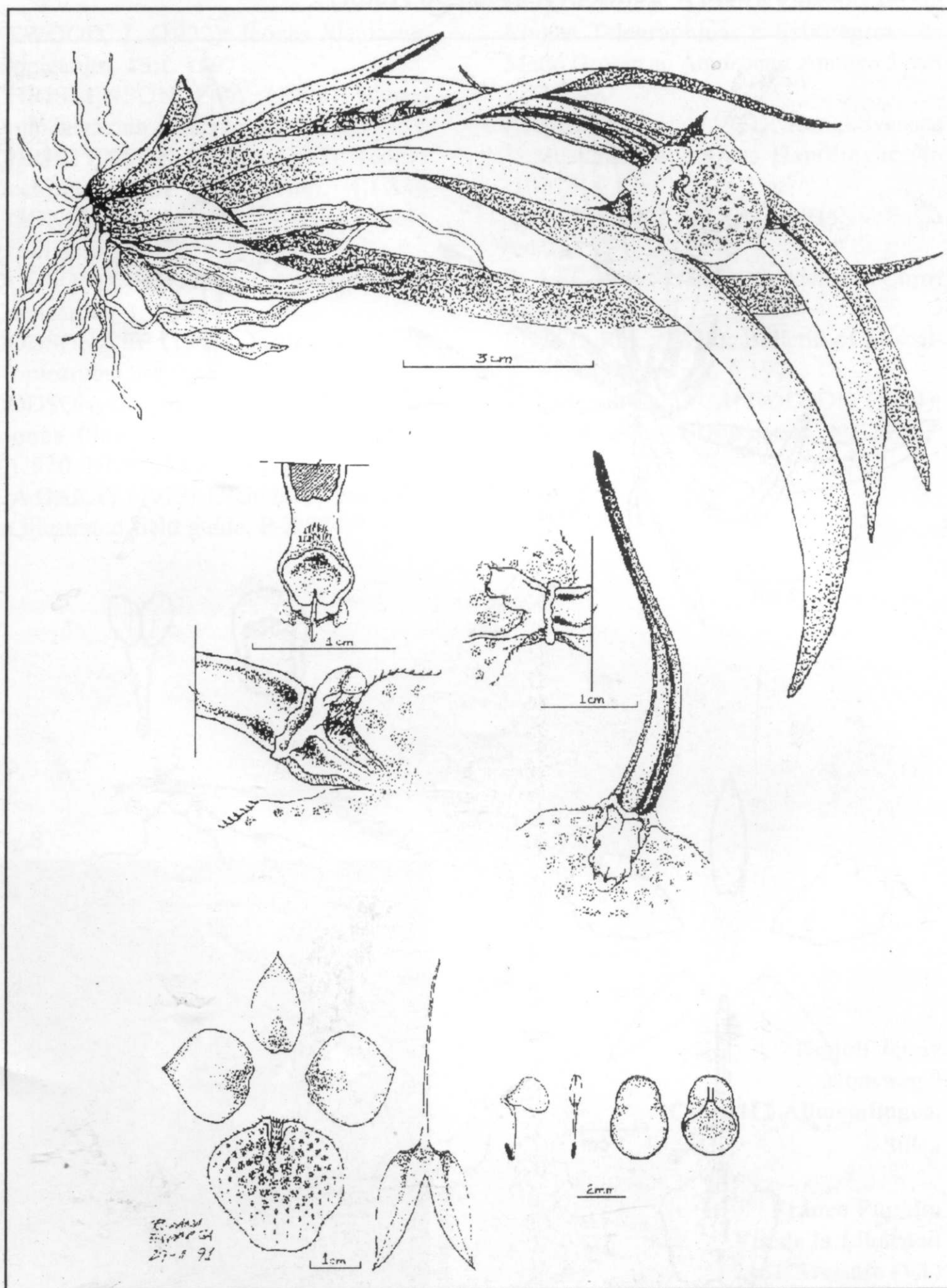
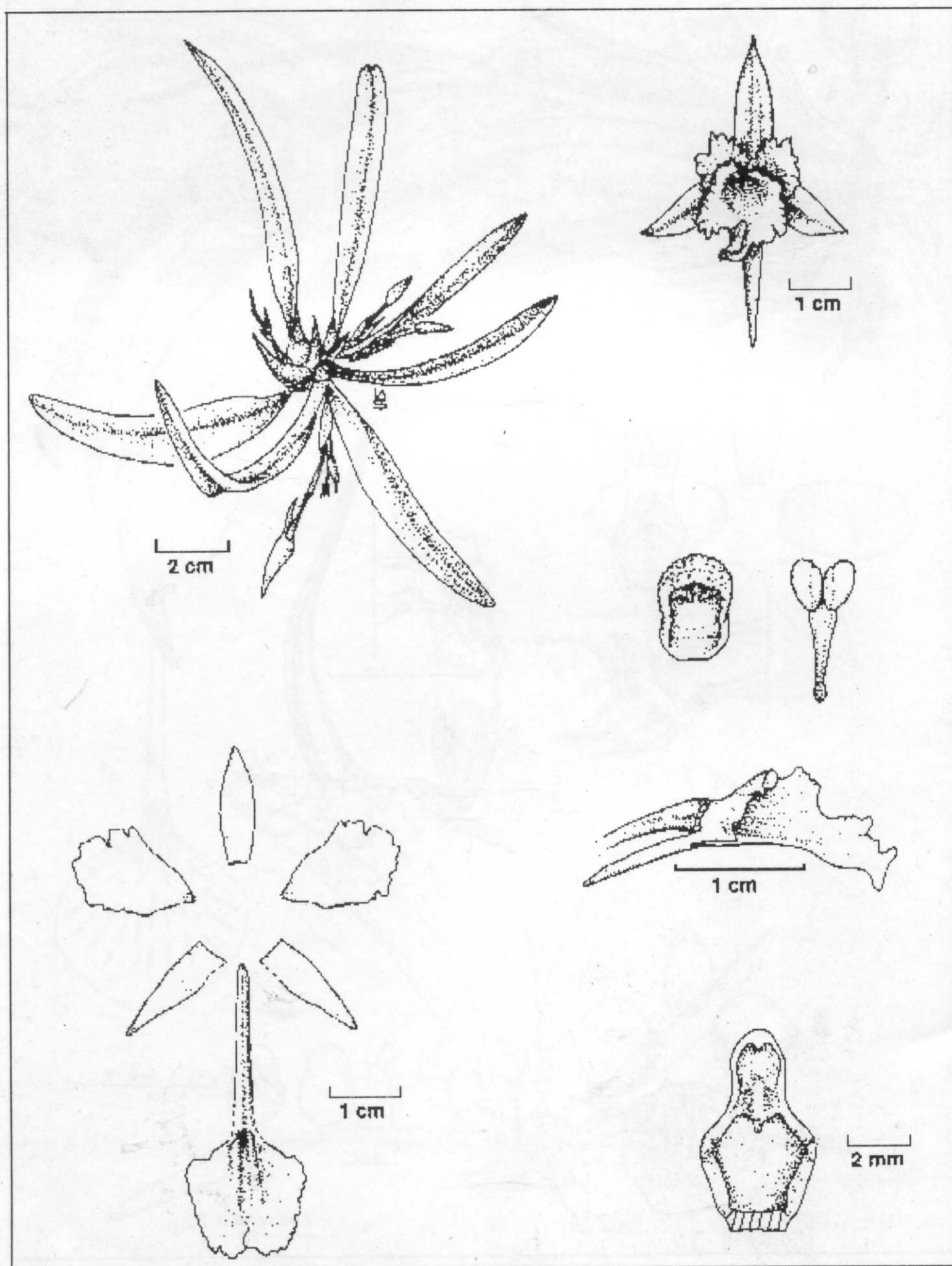


Fig. 7

Plectrophora alata (Rolfe) Garay, in Atwood, J., *Icones Plantarum Tropicarum*, **15**: 1992, t. 1497.

(Reproduzido com a gentil permissão do Autor)



Antonio Schmidt s. n. (holotipo SEL, isotipo Herb. Jenny)

BIBLIOGRAFIA:

ATWOOD, J. (1992): *Icones Plantarum Tropicarum*, 15:t. 1497

CHRISTENSON, E. A. (1993): *Icones Orchidacearum Peruvianum*, 2:t.155

CHRISTENSON, E.A. (1995): *Icones Orchidacearum Peruvianum*, 4:t.348

COGNIAUX, A. (1906): *Martius' Flora Brasiliensis*, 3(6):184 &c 580

DODSON, C.H. (1980): *Icones Plantarum Tropicarum*, 3: t.208

DODSON, C.H. (1989): *Icones Plantarum Tropicarum*, Ser.II, 3:t.275

DODSON, C.H. & M.W. CHASE (1989): *Icones Plantarum Tropicarum*. Ser.II, 6:t.570

DUNSTERVILLE, G.C.K. & L.A.GARAY (1979): *Orchids of Venezuela. an illustrated field guide*, P-Z:724 "

FOCKE (1848): *Tijdschrift door de Wissen Natuurkundige Wetenschappen*, 1:212

GARAY, L.A. (1967): *Botanical Museum Leaflets Harvard University*, 21:261

HOEHNE, F.C. (1910): *Comissão de Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas*, Anexo 5 part 1:57 t.46

KRAENZLIN; F- (1911): *Kungl.Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar*, 46 (10):76, t. 12

RODRIGUES J.Barb. (1891): *Vellozia* (ed.2), 1:125

ROLFE, R.A. (1891): *Gardeners' Chronicle*, ser.3, 9:701

ROLFE, R.A. (1898): *Bulletin of Miscellaneous Information*, p.197

VASQUEZ, R. & C.H.DODSON (1984): *Icones Plantarum Tropicarum*, 6:t. 574

Fig.8

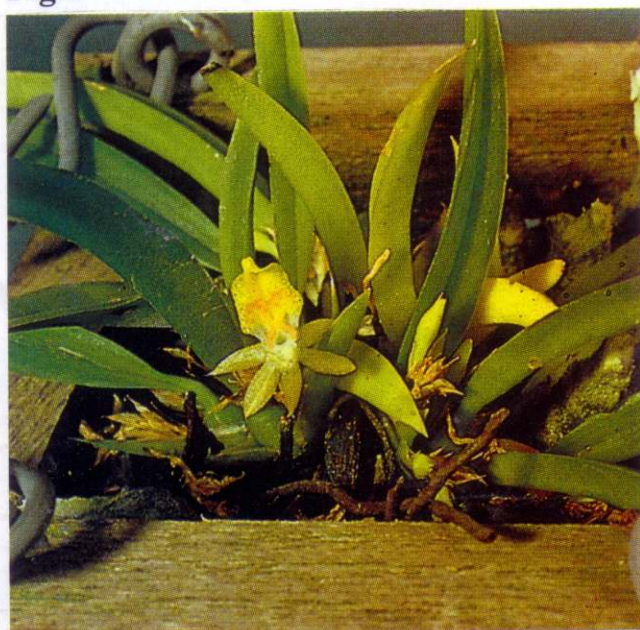


Foto: Rudolf Jenny

Plectrophora schmidtii Jenny & Pupulin

(*) Rudolf Jenny
Moosweg 9
CH -3112 Allmendingen,
Suíça

(**) Franco Pupulin
Via de la Libertad
2151 Arcisate (VA)
Italia

Cultivando com Ivana Zubic

Maria da Penha K. Fagnani (*)



Foto: Maria da Penha Fagnani

Ivana entre seus *Phalaenopsis*. No canto direito superior da foto, uma mostra dos seus métodos de cultivo de Vandáceas: um prato de plástico a poucos cm do fundo do cesto. Cesto, prato plástico e raizame ficam dentro de um saco de polietileno, para conservação e regularidade de umidade.

Ivana Zubic está entre os fundadores da OrquidaRio. Cultiva orquídeas há mais de trinta anos. Participou da Diretoria da OrquidaRio, como coordenadora do Departamento de Exposições, no biênio 1990 a 1992.

Começou, com poucas plantas, acomodadas num orquidário rústico, quando trabalhava em Brasília, na equipe de Oscar Niemeyer. Ao vir para o Rio de Janeiro, continuou a cultivar híbridos de *Cattleya* comprados na Florália, pois nessa época tinha poucas plantas por falta de local adequado. Em 1981 teve seu primeiro contacto com o gênero *Phalaenopsis* numa exposição na Marina da Glória, quando comprou de Marcony Goldenberg doze plantas adultas. Em 1983 teve sua primeira participação numa exposição da antiga

S.B.O. com prêmio para um híbrido de *Dendrobium nobile*. Desde então, teve mais de vinte plantas premiadas em exposições, entre estas uma *Laelia purpurata*, Açó, na 1ª. Expointer, São Paulo, 1989. Em exposição realizada pela OrquidaRio em 1990 no Rio Design Center teve dois *Phalaenopsis* premiados com primeiro lugar, sendo que, na Pulchra de 1990, temos a foto de um destes, o semi-albo Ella Freed x Romance.

De doze anos para cá vem cultivando suas plantas em Santa Tereza, na cidade do Rio de Janeiro, num terreno de localização privilegiada.

A altitude local é de 130 m., e o orquidário propriamente dito tem 100 m². Lá estão cerca de 1000 orquídeas que recebem o sol nascente e muita brisa vinda do mar. Do orquidário tem-se uma vista

deslumbrante para a Baía de Guanabara e Pão de Açúcar.

As bancadas tem os pés de tubos galvanizados e as mesas são formadas por módulos de colmeias de ferro galvanizado. A cobertura do orquidário é de telhas Brasilvic e o chão de tijolo maciço assentado sobre saibro. A irrigação é feita com mangueira e bomba para aumentar a pressão da água. No verão há necessidade de descer uma cortina de sombrite para completar a proteção das plantas na parte da frente do orquidário, mas no inverno tal proteção é retirada. Tanto em baixo das bancadas como nas paredes encontramos diversas plantas que contribuem para manter a umidade do local e formam com as orquídeas um conjunto paisagístico muito interessante.

Chamam a atenção os antúrios, marantas, avencas, bromélias, etc. Existem no terreno algumas árvores e arvoretas que são utilizadas como suporte de algumas orquídeas, como *Vanilla sp.*, com longos caules e frutos em desenvolvimento. Na parede dos fundos do orquidário encontramos alguns "chifres de veado" (*Plasticerium*), de tamanho incomum e grande beleza. Ivana afirma não ter gênero preferido mas gosta de plantas com floração abundante e prolongada, com flores vistosas. No cultivo de *Phalaenopsis*, das quais tem aproximadamente oitenta

plantas, o seu sucesso como cultivadora fica bem evidente. Há poucos anos vem hibridando *Phalaenopsis* (ver, abaixo, o resultado de cruzamento de *Phal. Carmela's Pixie* x *Phal. lueddemanniana*), já tendo obtido floração de três híbridos que foram semeados por Alexis Sauer. Fez também auto fecundação de suas *Laelias purpuratas* premiadas e as plantas resultantes já estão bem desenvolvidas. Anexa ao orquidário, prende nossa atenção uma ampla e bem projetada área de trabalho com facilidades para desinfecção e higiene do material utilizado no cultivo. A coleção de orquídeas é variada, além de *Phalaenopsis* veem-se muitos híbridos de *Cattleya*, de belas flores, e outros gêneros como *Dendrobium*, *Coelogyne*, *Renanthera* e *Arundina*.

Paisagista de profissão, Ivana tem feito projetos para fábricas e residências e participou da Rio 92 na área de paisagismo.

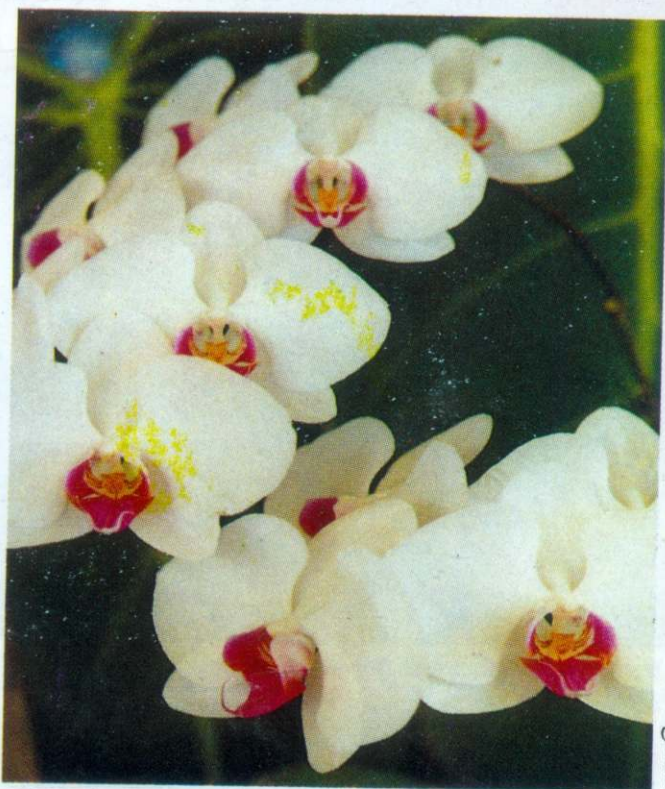
Para ela a qualidade principal do bom cultivador é a dedicação. Concorro, mas vendo o seu cultivo, que obedece a práticas rigorosas de cultivo, não posso deixar de crer que existe algo de intuitivamente especial na sua relação com plantas.

(*) Rua das Palmeiras, 93/803
22.270-070 RIO DE JANEIRO, RJ



Phal. Carmela's Pixie x *Phal. lueddemanniana*

Foto: Maria da Penha Fagnani



Phal. Ella Freed x *Phal. Romance*

Foto: Maria da Penha Fagnani

Cultivo de *Phalaenopsis* à moda de Ivana Zubic.

Em vasos de barro, com xaxim muito bem lavado, sem nenhum pó e com ótima drenagem

sem sol direto, mas com luz abundante, menor do que a dada às *Cattleyas*. Sombríte 80%; o melhor é cultivar sob telha plástica por que as chuvas de inverno são muito prejudiciais

mais umidade do que a dada às *Cattleyas*, devendo o substrato ser mantido sempre úmido

reenvasamento, com troca de substrato, a intervalos máximos de um ano e meio. Pode reenvasar-se a qualquer época do ano, embora o ideal seja em março, porque as raízes cortadas se recuperarão antes da emissão de nova haste floral

adubo peletizado (Osmocote 18-18-18), de ação lenta, renovado a cada 4 meses

Phalaenopsis são muito suscetíveis a ataques de bactérias e fungos. É melhor evitar o aparecimento do problema com tratos culturais adequados e com extremo cuidado com a higiene e desinfecção do material usado

para conseguir nova floração em haste floral que tenha florido anteriormente, cortar a mesma, depois da floração, logo abaixo de onde tenha surgido a primeira flor, a mais baixa, e logo acima da gema mais próxima. Pode ocorrer, mas é raro que haste, assim cortada, seque

Vantagens de cultivar *Phalaenopsis*:

Longa e duradoura floração: as flores duram mais de um mês, indo a florada de julho a janeiro, com pico na primavera

São muito floríferas, podendo a mesma planta, quando adulta, sadia e forte, produzir mais de uma haste e, por vezes, ramificada



Foto: Maria da Penha Fagnani

As bancadas estão sempre floridas, formando um belo conjunto. Bom manejo de cultivo = vigor de floração das *Cattleyas* e *Phalaenopsis*

Suporta por períodos curtos?...

Pergunta. *Tenho visto muito em publicações nacionais e estrangeiras, inclusive em Orquidário, a frase “por períodos curtos”, que, para mim, não significa absolutamente nada, por ser expressão vaga e destituída das referências necessárias à compreensão.*

Alguns exemplos:

“Planta de clima temperado, suporta alguns picos de frio, abaixo de 10 graus centígrados que é o seu limite mínimo de tolerância a frio.

“Preferências: clima quente, mas não suporta calor acima de 35 °, a não ser por curtos períodos.

Pergunto, o que vem a ser a final, esse famoso “período curto”. Significa uns poucos meses de inverno, só alguns dias, ou, mais, só umas poucas horas por dia?

*Emiliano de Barros
Nova Venécia, RS*

Resposta

Infelizmente teremos que ficar mesmo na vaguidão e generalidade, já que o cultivo de plantas e de orquídeas em particular é terreno fértil para a expressão “depende”. Você, no seu cultivo, na sua experiência de cultivador é que vai ter que descobrir quais são os períodos curtos suportáveis por cada uma das suas plantas.

Se eu lhe dissesse que para *Phalaenopsis*, por exemplo, 10 dias seguidos de frio é um suportável período curto, eu seguramente, teria que acrescentar, “aqui na cidade do Rio de Janeiro”, já que para outras localidades, por exemplo, a região serrana que circunda o Rio, nos períodos de alto inverno, dez dias seguidos de frio intenso, sem qualquer calefação, são

mortais para essa planta.

Raimundo Mesquita

Tamanho de vaso

P. Falem-me um pouco de vasos, seus tamanhos. Qual é o tamanho ideal com relação à planta?

R. A orquídea, como qualquer outra planta, aliás, não vive em vaso na natureza. Nós é que descobrimos que é possível assegurar-lhe este modo de vegetar, que lhe permite suporte para fixação, nutriente, umidade e, nesse contenedor e para nossa satisfação, pode ser levada para dentro de casa, ou, o que é melhor, ser mostrada nas exposições.

O vaso assume, assim, uma grande importância, no cultivo de orquídeas. Embora seja possível cultivá-las de outras maneiras para finalidades decorativas, como, por exemplo, cestos, placas, toros, palitos de xaxim e outros meios, sabe-se que a grande preferência dos cultivadores é pelo uso de vaso.

Um dos requisitos mais importantes para um cultivo bem sucedido é aquele da sua pergunta, o tamanho. Há, porém, outros importantes a considerar, como profundidade, porosidade, substância de que é feito o vaso, capacidade de drenagem e de arejamento.

Quanto ao tamanho parece que a regra básica é a que pode ser enunciada assim: aquele que permita acomodar a planta para um crescimento simpodial de aproximadamente 2 anos. De uma maneira geral você pode saber isto da seguinte maneira: encoste a parte traseira da planta numa das bordas do vaso e verifique se a frente (isto é, os bulbos mais avançados da planta), caberá no vaso deixando ainda cerca de dois ou três dedos de espaço até a outra borda do vaso.

Carvão como Substrato

P. Solicito informações sobre o benefício ou não de se usar como substrato no plantio de orquídeas, o carvão vegetal.

Tal fato se dá, pois que, após dois anos de plantio ou replantio, começam a aparcer caramujos e lesminhas que se alimentam dos botões das orquídeas, danificando-as.

Quando a mesma é plantada tendo como substrato o carvão vegetal (este usado para fazer churrasco) e colocando-se uma fina camada de xaxim, não aparecem os caramujinhos, a planta enraiza bem e floresce normalmente (em Cattleyas e Laelias), onde foi usado.

Entretanto sabemos que o carvão retém o cloro que vem na água, que pode ser compensado com aplicação de nitrogênio e outros elementos.

Como estou necessitando replantar dezenas de vasos, gostaria de saber algo mais sobre a conveniência ou não de se proceder assim, ou de como evitar esses comedores de botões das orquídeas.

Wagner Beltrame

Rua Prof. José Torres de Brito, 5-51 -

Vila Gonçalves

17.063-070, Baurú, SP.

Tel.: (014)222-6248

R. Caro Wagner,

Recebemos sua carta, datada de 16 de maio do presente ano, que por lapso total de nossa parte, acabou ficando sem uma resposta da área técnica. Gostaríamos de apresentar nossas desculpas por esta falha. Quanto a sua consulta sobre carvão vegetal como substrato para vasos de orquídeas, a sua constatação da ausência dos temidos caramujinhos neste meio realmente procede e tem uma explicação: eles precisam de um meio com bastante matéria orgânica e umidade para se alimentarem e reproduzirem. O xaxim úmido, em decomposição, é um ambiente ótimo para a sua reprodução. Entretanto, esta mudança de substrato precisa ser bem entendida. O carvão comporta-se quase que como um material inerte. Assim, deve-se ficar atento com a adubação das plantas plantadas neste substrato. Alimentação frequente e equilibrada deve ser a tônica. Além disso, como você bem observou, o carvão absorve algumas substâncias e, principalmente, sais em excesso. Assim, é

fundamental algumas lavagens programadas dos vasos com água pura, entre adubações, de modo a retirar os sais em excesso que queimam as raízes. Outro aspecto a ser levado em conta é a umidade retida no substrato: o carvão absorve bastante água mas também não a retém por muito tempo. Assim, as regas devem ser mais frequentes que com o xaxim, algumas plantas podem não se adaptar bem a este novo regime de rega. Você fala em replantar dezenas de plantas. Achamos que você deveria experimentar pequeno lote de plantas e verificar a viabilidade do uso do carvão, tanto no aspecto fitossanitário como no custo envolvido. Temos informação que tem sido comercializado em São Paulo (Welli Com Imp. Exp. Ltda. tel: (011) 262-2149, fax: (011) 872-1857) um lesmicida importado (iscas que podem ser molhadas) que tem se mostrado bastante efetivo contra carumujos. Vale a pena experimentar, principalmente para o caso onde o carvão não funcione.

Raul Sudré Filho

Diretor Técnico da OrquidaRIO

Sementeira dos Sócios

"Orchidaceae Brasilienses", de Pabst & Dungs.

Miltonia kayasime Pabst.

O nosso sócio, antigo membro do Conselho, integrante da Comissão Editorial e constante colaborador desta revista Walde-mar SCHELIGA faz um apelo a quem disponha e deseje vender o livro "ORCHIDACEAE BRASILIENSES" de PABST & DUNGS que entre em contato com ele. Endereço: R. Almte. Saddock de Sá 133/401. 22.471-030, Rio, RJ. Tel (0210)267-8384.

Apela, ainda, em nome do Dr. Karlheinz SENGHAS, da Universidade de Heidelberg, ALEMANHA, aos leitores que disponham de fotos, desenhos, planta viva ou flores em álcool, que possam ser cedidos, da planta *Miltonia kayasimae* Pabst. O dr. Senghas é um dos responsáveis pela reedição atualizada da clássica obra de SCHLECHTER "DIE ORCHIDEEN".

OrquidárioROBERT

Orquídeas para todos os gostos



Híbridos - Espécies - Meristemas dos mais importantes gêneros
brasileiros e estrangeiros.

Solicite nossa Lista, gratuita, com 142 espécies brasileiras e 95 estrangeiras,
132 diferentes híbridos e, o mais importante 348 cortes de plantas de nossa
coleção particular (95 espécies e 253 híbridos).

Orquidário Robert Ltda.
Av. Água Verde 588
80.310 - Curitiba, PR - Brasil
Tel.: (041)243-9566

Nomes aparecem...

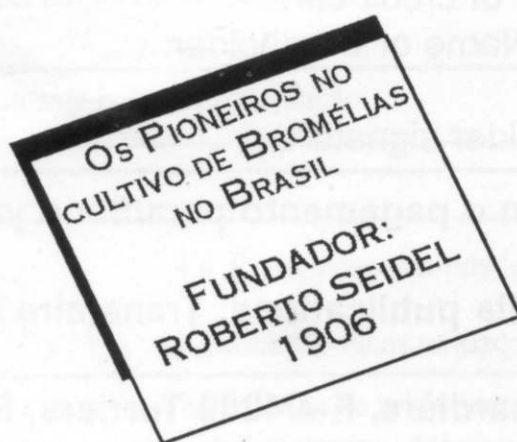
Nomes

desaparecem...

Orquidário

Catarinense

permanece.

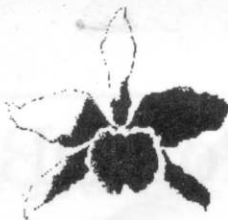


*Orquídeas e
Bromélias.*

*Solicitem o
nosso novo
catálogo
ilustrado,
nº 95,*

*com 2700 espécies e
híbridos diferentes.*

ALVIN SEIDEL, ORQUIDÁRIO CATARINENSE, LTDA. - CAIXA POSTAL 1
RUA ROBERTO SEIDEL 1981 - CORUPÁ SC, 89280-000
FONE (047)375-1244- FAX.: (047)375-1042
E-MAIL: SEIDEL@NETUNO.COM.BR



ANAIS/PROCEEDINGS

15a. CMO/15TH WOC

(200 páginas/pages, 17 x 25 cm, a cores/in colour)

PREÇO DE SUBSCRIÇÃO/SUBSCRIPTION PRICE: US\$100

Pedido/Order Form

Nome/Name

Endereço/Address

Cidade/City

Estado/State

CEP/ZIP CODE

País/Country

Telefone para contato/Daytime telephone:

Fax:

Forma de pagamento/Method of payment:

☐ Cheque ou ordem de Pagamento/Check or Money Order (payable to S. A. TRANSFAIRE)

☐ American Express

☐ Visa

☐ Carte bleue

☐ Eurocard, Access, Mastercard

☐ Diners

Cartão de crédito nº:/Credit card nº:

Validade até/Expiration date of credit card:

Nome do Titular do Cartão/Name of Cardholder:

Assinatura do titular/Cardholder signature

Remeta sua ordem com o pagamento para/Send your with payment to:

Naturalia publications, Transfaire S. A.

"La Musardière, F -04250 Turriers, France

N.B. - Informe ao seu banco que todos os custos relacionados com sua remessa de pagamento a S. A. Transfaire são de sua responsabilidade, pois pagamentos incompletos não serão considerados./ Nota bene; Please inform to Your bank that all costs in respect to yours payments to S. A. Transfaire must be charged to you without exception. Incomplete payments will be ignored.



Sobras do Estoque da 15^a. Conferência Mundial de Orquídeas

**Restam pequenas quantidades e, por isso,
tudo incrivelmente mais barato.**

**(Para encomendar, preencha a ficha
encontrada no verso desta página)**

		Preço	Preço p/sócios
1 - Livros:			
1.a - "Orquídeas" - Album com 20 aquarelas de Samuel Salvado, retratando espécies e híbridos.		R\$40	R\$30
1. b - "Orquídeas da Amazônia", de Francisco Miranda. Centenas de ilustrações a cores. Primeiro estudo extenso sobre a rica flora orquidácea da Amazônia brasileira.		R\$100	R\$90
1. c - Manual prático de Cultura, Por Darly M. de Campos. Muito ilustrado, orientação básica, passo a passo, para iniciantes e orquidófilos.		R\$20	R\$18
2 - Bottom oficial da 15a. Conferência	a escolher em fundo branco ou preto	R\$2	R\$1
3 - Vídeo Oficial	46 minutos de beleza e recordação	R\$35	R\$15
4 - Medalhas da 15th WOC			
	4.a Prata, poucas unidades	R\$150	R\$90
	4.b Bronze, poucas unidades	R\$80	R\$50
5 - Kit de Julgamento	Prancheta para fixar os boletins de julgamento. Acompanha régua milimetrada dobrável, própria para medição de flores. Também cópia do Manual de Julgamento (muito útil para sociedades orquidófilas).	R\$10	R\$7,50
6 - Pasta da Conferência	Em lona e plástico reforçados, ótima para computador portátil e, como valise, para viagens curtas ou excursões.	R\$25	R\$15

FLORÁLIA

• DESDE 1956 •

LISTA DE PREÇOS 96 DISPONÍVEL.

NOVO FAX: 55-21-625-7275

FLORÁLIA ORQUIDÁRIOS REUNIDOS LTDA
ESTRADA DA FLORÁLIA, 592 - CEP 24140-210 - NITERÓI - RJ - BRASIL
TELEFONE: (021) 625-0800 - FAX: (021) 625-5223

®

TROPICANO

SOLICITE
CATÁLOGO
TEL/FAX (012) 3224299



ZUMA CANYON ORCHIDS

Luiz Hamilton Lima - Av. São João, 1945
São José dos Campos 12242-000 - SP - Brasil

Florabela - Orquídeas

Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.
Mata artificial de Dracenas, além de orquidários convencionais.
Érico de Freitas Machado.



C.P. 01-0841, CEP 29.001-970 - Vitória, ES
Tel.: (027)227-6136

47 anos de experiência na proteção de mais de 400 espécies, nativas do Espírito Santo.

Orquidário Warneri de Olga e Tibério

Especializado em plantas de Minas Gerais e do Espírito Santo.
Seedlings de *Phalaenopsis* e *Catasetum*. Produtos para cultivo.
Revendedor Coxim. Adubos nacionais e importados: Yogen,
Peter's, Plant prod. Defensivos. Tela sombrite, cachepôs e
etiquetas de plástico.

*Rua Vicentina de Souza, 469
31030-240 - Belo Horizonte, MG
Tel./Fax.: (031)461 0860*



ARANDA

SOLICITEM O NOSSO CATÁLOGO 97 GRATUITO
FREE CATALOGUE 97 ON REQUEST



V. Katsuura 'Royal Pink'

Consultem o nosso Orquidário Virtual
e-mail: [aranda @ aranda.com.br](mailto:aranda@aranda.com.br)

Escritório/Office

Rua Senador Dantas, 75/907
20.031-201 - Rio de Janeiro - RJ
BRASIL

Orquidário/Nursery

Estrada do Quebra-frasco s/nº
Teresópolis - RJ
BRASIL

TEL.: (+5521)240-5609 / 240-7617

FAX: (+5521) 220-6200

